

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO CONCEITO DE DEPRESSÃO PERIFÉRICA APLICADO AO SEGUNDO PLANALTO PARANAENSE

Isonel Sandino Meneguzzo¹

RESUMO: O termo “Depressão Periférica” é comumente citado em atlas, livros didáticos e paradidáticos de geografia, bem como, em alguns trabalhos de caráter técnico-científico para referir-se ao Segundo Planalto Paranaense. Esta nota tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre a aplicabilidade do termo Depressão Periférica no âmbito do Segundo Planalto Paranaense.

Palavras-chave: Depressão Periférica, Segundo Planalto Paranaense, geomorfologia.

CONSIDERATIONS ABOUT THE CONCEPT OF THE PERIPHERAL DEPRESSION APPLICABLE TO THE SEGUNDO PLANALTO PARANAENSE

ABSTRACT: The term “Peripheral Depression” commonly is cited in atlases, didactic and paradidactic books of geography, as well as in some works of technician-scientific character to mention as the Segundo Planalto Paranaense to it. This note has for the objective show some considerations about the applicability of the Peripheral Depression term in the scope of the Segundo Planalto Paranaense.

Keywords: Peripheral Depression, Segundo Planalto Paranaense, geomorphology.

INTRODUÇÃO

Na compartimentação geomorfológica do Estado do Paraná destacam-se planaltos escalonados com caimento para oeste, sudoeste e noroeste, separados por escarpas que formam verdadeiros degraus topográficos verticalizados. De leste para oeste tem-se a Planície Costeira, a Serra do Mar, O Primeiro Planalto Paranaense (ou Planalto de Curitiba), a Escarpa Devoniana, o Segundo Planalto Paranaense (ou Planalto de Ponta Grossa), a Serra Geral e, finalmente, o Terceiro Planalto Paranaense (ou Planalto de Guarapuava), o qual se estende às margens do Rio Paraná (MENEGUZZO & MELO, 2004).

É comum a ocorrência em atlas geográficos, livros didáticos e paradidáticos de geografia, bem como em trabalhos de caráter técnico-científico a denominação Depressão Periférica referindo-se ao Segundo Planalto Paranaense.

Nesse contexto, esta nota prévia tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre a aplicabilidade do termo Depressão Periférica no âmbito do Segundo Planalto Paranaense.

¹ Geógrafo. Aluno do Curso de Mestrado em Ciência do Solo, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná. E-mail: isonelm@yahoo.com.br

Ressalta-se que este trabalho deve ser encarado como condição inicial para a execução de futuros estudos que contemplem informações mais específicas, alusivas ao tema aqui apresentado.

O SEGUNDO PLANALTO PARANAENSE: ASPECTOS GEOMORFOLÓGICOS

O Segundo Planalto Paranaense estende-se como uma faixa com cerca de 100 quilômetros de largura média, desde os rios Negro e Iguaçu, no limite com o Estado de Santa Catarina, entre Piên e União da Vitória, até o Rio Itararé no limite com o Estado de São Paulo, nas cercanias de Sengés e Siqueira Campos (MENEGUZZO; MELO, 2004). Seus limites naturais (Figura 1) são a Escarpa da Serra Geral (ou Serra da Boa Esperança), a oeste e norte, e a Escarpa Devoniana, a leste (MAACK, 2002).

Em termos geológicos, o Segundo Planalto Paranaense corresponde à unidade de domínio das exposições da Bacia Sedimentar do Paraná e coberturas inconsolidadas mais recentes.

O domínio morfoescultural do Segundo Planalto Paranaense remete à unidade de Relevo de Patamares da Bacia Sedimentar do Paraná (IBGE, 1993).

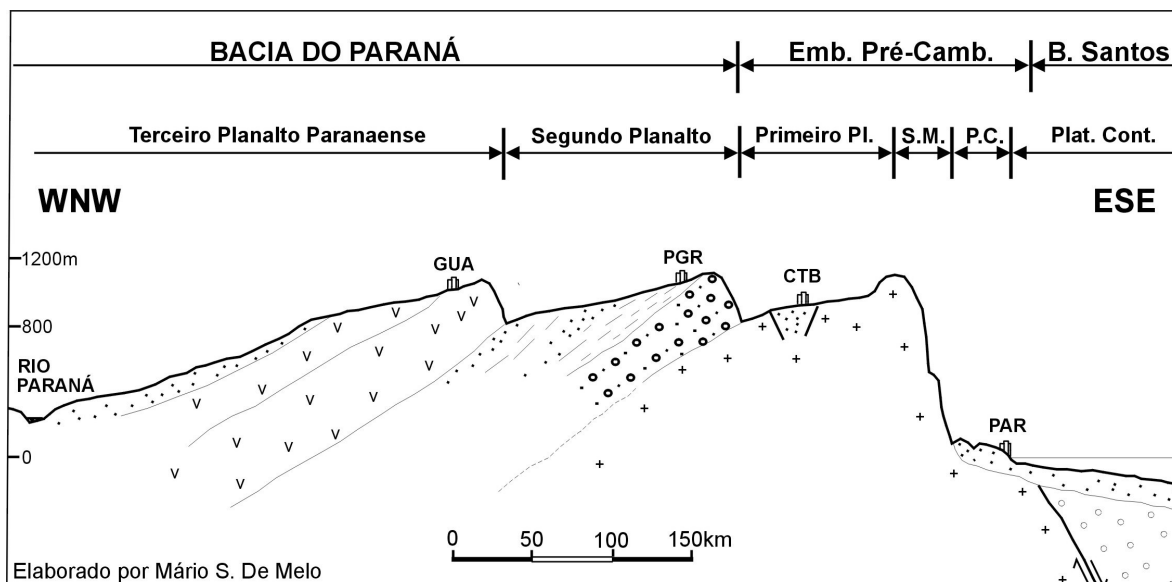


Figura 1 - Seção esquemática do Estado do Paraná, mostrando a estrutura geológica determinando o relevo. Abreviações: PAR (Paranaguá), CTB (Curitiba), PGR (Ponta Grossa), GUA (Guarapuava), S. M. (Serra do Mar) e P. C. (Planície Costeira). Fonte: MELO e MENEGUZZO (2001).

No tocante ao domínio morfoclimático e província fitogeográfica, o planalto está inserido no Domínio de Araucárias (Planaltos Subtropicais com Araucárias, conforme Ab'Sáber, 1967).

Na parte leste do Segundo Planalto, no reverso da Escarpa Devoniana, as altitudes máximas atingem 1290 metros nas proximidades do município de Tibagi (MENEGUZZO; MELO, 2004), diminuindo até aproximadamente 511 metros no leito do Rio Tibagi (MAACK, 2002), quando este atravessa a Escarpa da Serra Geral, no limite entre o segundo e o terceiro planaltos.

A estrutura paleozóica que sustenta o relevo do Segundo Planalto Paranaense constitui-se em um capeamento abaulado e densamente cisalhado como consequência do fenômeno epirogenético conhecido como Arco de Ponta Grossa (AB'SÁBER, 1998). Devido a este cisalhamento ocorrem inúmeros rios subseqüentes, os quais possuem trechos controlados por estruturas rúpteis, tais como falhas, fraturas e diques de diabásio.

Este planalto comporta-se como um plano de declive, com suave caimento para oeste, sudoeste e noroeste (MAACK, 2002), onde rios como: Tibagi, Pitanguí, Iapó e Iguaçu, por exemplo, apresentam-se como rios antecedentes; isto é, tiveram sua origem antes do estabelecimento da atual configuração geomorfológica (MENEGUZZO; MELO, 2004). De um modo geral, o compartimento geomorfológico do Segundo Planalto Paranaense caracteriza-se por apresentar um relevo "suavemente ondulado", com colinas e outeiros.

Tanto no limite leste do Segundo Planalto Paranaense, junto à Escarpa Devoniana, como no limite oeste, junto à Escarpa Mesozóica, há a ocorrência de inúmeras cachoeiras com quedas d'água de tamanhos variados, esculpidas sobre leito rochoso.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A APLICABILIDADE DO CONCEITO DE DEPRESSÃO PERIFÉRICA

Ross (1989, 1996), em seus trabalhos de classificação do relevo brasileiro, considera o Segundo Planalto Paranaense como sendo uma "Depressão Periférica". No "Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico" (GUERRA & GUERRA, 1997, p. 193), o termo Depressão Periférica é assim definido: "área deprimida que aparece na zona de contato entre terrenos sedimentares e o embasamento cristalino".

Com respeito ao conceito de planalto, este pode ser definido como "uma superfície elevada mais ou menos plana, limitada por escarpas íngremes onde o processo de degradação supera os de agradiação" (GUERRA & GUERRA, 1997, p. 489).

Fundamentado nos conceitos supracitados, depreende-se que o compartimento geomorfológico, referente ao Segundo Planalto Paranaense, não se constitui numa “Depressão Periférica”; pois este, apesar de encontrar-se entre o Embasamento Cristalino, a leste, e terrenos vulcano-sedimentares, a oeste, Tal compartimento não se apresenta deprimido; isto é, rebaixado em relação aos compartimentos vizinhos. Na parte leste do Segundo Planalto Paranaense, no reverso da Escarpa Devoniana, as altitudes máximas atingem 1290 metros nas proximidades do município de Tibagi, diminuindo até cerca de 511 metros no leito do rio Tibagi, quando este atravessa a Escarpa da Serra Geral, no limite entre os segundo e terceiro planaltos (MENEGUZZO & MELO, 2004).

Vale ressaltar que a Depressão Periférica existente no Estado de São Paulo não pode ser estendida para o Estado do Paraná; tendo em vista que naquele Estado a área correspondente à Depressão periférica apresenta-se rebaixada pela erosão entre o Planalto Atlântico, a leste, e as *cuestas* basálticas, a oeste (ALMEIDA, 1964).

Desta maneira, são plausíveis os argumentos expostos por Ab'sáber (1972), onde este autor aponta para o fato de que no Estado do Paraná existem duas depressões periféricas: uma situada no extremo oeste do Primeiro Planalto Paranaense, junto à Escarpa Devoniana, e outra na margem ocidental do Segundo Planalto Paranaense.

Fica evidenciado, desta maneira, que a classificação do relevo brasileiro apresentada por Ross (1989, 1996) generaliza o conceito de Depressão Periférica para todo o Segundo Planalto Paranaense, o que tecnicamente não é correto.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. N. Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil. **Orientação**. São Paulo, n. 3, p. 45-48, 1967.
- AB'SÁBER, A. N. O relevo brasileiro e seus problemas. *In*: AZEVEDO, A. **Brasil: A terra e o homem**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. v. 1. p. 135-217.
- AB'SÁBER, A. N. Megageomorfologia do território brasileiro. *In*: CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. **Geomorfologia do Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 71-106.
- ALMEIDA, F. F. M. Fundamentos geológicos do relevo paulista. **Boletim I.G.G.** São Paulo, n. 41, p. 169-263, 1964.
- BIGARELLA, J. J.; BECKER, R. D.; SANTOS, G. F. **Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994. v. 1.
- IBGE. **Mapa de Unidades de Relevo do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. Mapa colorido, 107 x 100 cm, escala 1: 5.000.000
- MAACK, R. **Geografia física do Estado do Paraná**. 3. ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

MELO, M. S.; MENEGUZZO, I. S. Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná. *In*: DITZEL, C. H. M.; LÖWEN SAHR, C. L. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2001. p. 415-428.

MENEGUZZO, I. S.; MELO, M. S. Segundo Planalto Paranaense, geomorfologia. *In*: **Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais**. Disponível em: <http://www.uepg.br/dicion/index.htm> Acesso em: 16 maio 2004.

GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 652.

ROSS, J. L. S. As Unidades Morfoesculturais: Nova Classificação do Relevo Brasileiro. *In*: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 3. 1989, Nova Friburgo. **Anais...** Nova Friburgo: UFRJ, 1989. p. 195-207.

ROSS, J. L. S. A sociedade industrial e o ambiente. *In*: ROSS, J. L. S. **Geografia do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 1996, p. 209-238.